

PADRONIZAÇÃO DE MATERIAL MÉDICO-HOSPITALAR NO SERVIÇO DE FARMÁCIA DO HULW – UFPB*

Alexandro Mangueira Lima de Assis¹
Maria das Vitórias de Assis Gomes Silva²
José Rômulo Batista Xavier³
Lauro Santos Filho⁴

1. Acadêmico do curso de Graduação em Farmácia da UFPB, estagiário do Serviço de Farmácia Hospitalar-SFH, Hospital Universitário "Lauro Wanderley"-HULW, UFPB, Bolsista PIBIC, CNPq UFPB.
2. Farmacêutica do SFH, HULW, UFPB.
3. Farmacêutico, chefe do SFH, HULW, UFPB.
4. Farmacêutico-bioquímico, doutor em Microbiologia pela UFRJ, professor adjunto de Microbiologia Clínica, Departamento de Ciências farmacêuticas, Centro de Ciências farmacêuticas, UFPB.

* Prêmio CRF – SP 2001 na categoria: Trabalhos Profissionais

INTRODUÇÃO

As estreitas relações entre a economia e a saúde são reconhecidas em todo o mundo, há mais de 30 anos. A saúde, objetivo de todas as pessoas, depende, em grande parte, da distribuição dos recursos na economia. Sendo a farmácia, dentro de um Hospital, um setor que necessita de elevados valores orçamentários e apresenta uma complexidade significativa dentro de seu processo de gestão, nada mais lógico que incorporar aos conhecimentos habituais de um farmacêutico técnicas administrativas mais apuradas e sem empirismo (Basskin, 1998; Gomes & Reis, 2000).

Podem ser classificados como materiais médico-hospitalares (MMH) e correlatos os aparelhos, produtos, substâncias ou acessórios não enquadrados como drogas, medicamentos ou insumos farmacêuticos, utilizados direta ou indiretamente nos diversos procedimentos médicos, com a finalidade diagnóstica, terapêutica, curativa e preventiva do paciente, objetivando sua rápida recuperação. Sua utilização também está ligada à defesa e proteção da saúde individual ou coletiva, assim como à higiene pessoal ou de ambientes hospitalares (Brasil, 1994; Pereira, 1997; Silva, 1999).

Estes artigos representam um elo importante entre a prescrição médica e o processo de assistência ao paciente. Trata-se de itens de expressivo valor financeiro, o que lhes atribui uma considerável representatividade nos custos hospitalares merecendo, portanto, um tratamento especializado e diferenciado de outros tipos de materiais (Silva, 1999). Por estas razões, a administração destes materiais está sendo requisitada atualmente por profissionais farmacêuticos, os quais atuam nas etapas de: elaboração da especificação correta, padronização, orientação das compras, acondicionamento, controle de estoque, distribuição racional e uso adequado.

Estudos comprovam que cerca de 40% dos gastos hospitalares são destinados aos MMH, aos medicamentos e aos alimentos, superando inclusive despesas com pessoal. Torna-se, portanto, necessário que se promova um gerenciamento racional e planejado desses produtos por profissional capacitado, uma vez que se tratam de artigos destinados a procedimentos de assistência ao paciente (Pereira, 1997).

No geral, encontramos à frente deste trabalho os mais variados profissionais, que vão desde assistentes de administração com nível médio de escolaridade, passando por administradores com nível superior, profissionais de enfermagem, e, em raras ocasiões, farmacêuticos (Brasil, 1997; Pereira, 1997).

Partindo-se do pressuposto de que os MMH são produzidos em escala industrial sob a responsabilidade de um farmacêutico, seria indicado que o mesmo fosse responsável pela gestão desses materiais até sua utilização, já que este profissional acumula conhecimentos primordiais para que possa realizar um excelente gerenciamento desses artigos (Brasil, 1994; Gomes e Reis, 2000).

Para um gestor moderno, a padronização de MMH é, antes de tudo, ter na unidade todos os materiais necessários ao procedimento a ser realizado, sendo eles os mais modernos existentes, de melhor qualidade e menor preço, de acordo com uma aquisição racional. Consiste em reduzir o número de itens, sem prejudicar a elaboração dos procedimentos de rotina, e facilitando de forma considerável o gerenciamento desses materiais (Pereira, 1997; Silva, 1999).

Pretendemos com esse trabalho propor uma administração mais racional desses artigos, prestando uma assistência profissional ao seu manuseio, desde a aquisição até a sua utilização final dos MMH, gerando uma economia real de gastos com reflexo na melhoria da qualidade de atendimento ao paciente.

METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido no Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), localizado no Campus I da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o qual é classificado como um hospital geral terciário, de grande porte e de administração federal, diretamente ligado à assistência médica, ensino, pesquisa e extensão, funcionando como referência para o Estado da Paraíba. Conta atualmente com um total de 250 leitos e um índice de ocupação de aproximadamente 80%.

Os dados foram coletados junto aos setores ligados à Divisão de Farmácia e Bioquímica, constando do Serviço de Farmácia Hospitalar e, mais especificamente, da Central de Abastecimento Farmacêutico (CAF).

Durante a execução do trabalho, foram desenvolvidas as seguintes etapas:

- Aquisição, junto a fornecedores já credenciados, de catálogos com especificações e detalhamento do material, providenciando também novas opções em virtude da diversidade de alternativas existentes;
- Contato, através de reuniões periódicas, com os demais profissionais que também utilizam esse tipo de material nas suas funções (médicos, enfermeiros, técnicos e auxiliares), com a finalidade de repassar e captar informações e, assim, poder desenvolver uma proposta de padronização que atenda as necessidades mais amplas e que contenha um número mínimo de falhas;
- Padronização de forma racional de todo o material, através da redução do número de itens diferentes, sem prejudicar a elaboração dos procedimentos necessários ao atendimento de rotina;
- Realizar um acompanhamento periódico junto às clínicas e demais unidades de consumo de MMH no hospital, tendo assim um contato mais direto e efetivo com todas as etapas em que os mesmos se encontram, inclusive na utilização direta nos pacientes;

Para que fosse desenvolvido o processo de padronização dos MMH foi necessário o desenvolvimento dos requisitos demonstrados a seguir:

- Confecção de uma listagem informatizada do material, a qual deverá ser modificada de modo a conter os códigos e especificações adequadas e corretas, e alternativas do mercado para serem usadas como parâmetro e investigação de qualidade, segurança, eficiência, etc.;
- Aquisição de catálogos de materiais médico-hospitalares junto aos fabricantes, com a finalidade de se obter as especificações corretas dos mesmos;
- Criação de uma comissão multidisciplinar, designada pela diretoria do hospital, a qual seja formada por profissionais de diferentes áreas de atuação relacionadas com a administração e o uso de MMH.

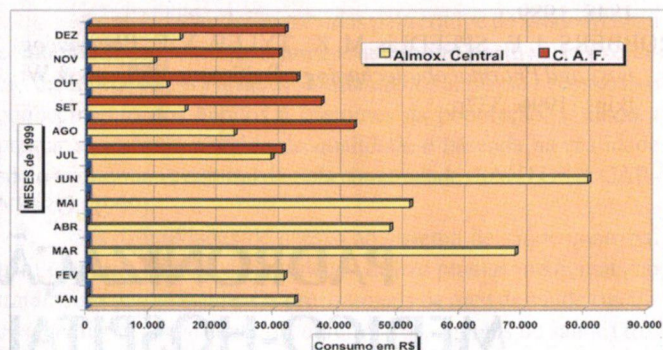
RESULTADOS

Os materiais médico-hospitalares (MMH) foram incorporados no Serviço de Farmácia Hospitalar (SFH), mais especificamente na Central de Abastecimento Farmacêutico (CAF), provenientes do almoxarifado central do HULW, em julho de 1999. Na figura 1, temos o monitoramento do consumo, mostrando a transição entre o gerenciamento destes artigos do almoxarifado central e na Central de Abastecimento Farmacêutico.

Os MMH, uma vez incorporados ao SFH, foram classificados de acordo com suas especificações técnicas e organizados de forma a tornar nosso trabalho mais ágil e eficiente. O ambiente da CAF destinado aos MMH passou por adaptações físicas (in-

formatização, infra-estrutura, refrigeração, etc.) e de pessoal (cursos e treinamentos).

Figura 1 – Comparativo de Saída de MMH em R\$ entre o Almoxarifado Central e a CAF no Ano de 1999. Fonte: Relatório Mensal de Almoxarifado (RMA) – CAF e Almoxarifado Central.



A partir de pesquisas em catálogos e outras propostas de manuais de padronização de MMH, chegamos a um manual de especificações técnicas, o qual funcionou como uma proposta de padronização do SFH. Este manual continha inicialmente 276 especificações de artigos diferentes.

Uma comissão de padronização, nomeada pela direção do HULW, iniciou os trabalhos, no sentido de reduzir o número de itens utilizados sem prejudicar nenhum procedimento hospitalar, e de acrescentar outros que não constem na proposta de tenham importância comprovada. Essa comissão é multidisciplinar, ou seja, composta de profissionais das diferentes áreas que lidam com materiais médicos, como farmacêuticos, enfermeiros, médicos e administradores.

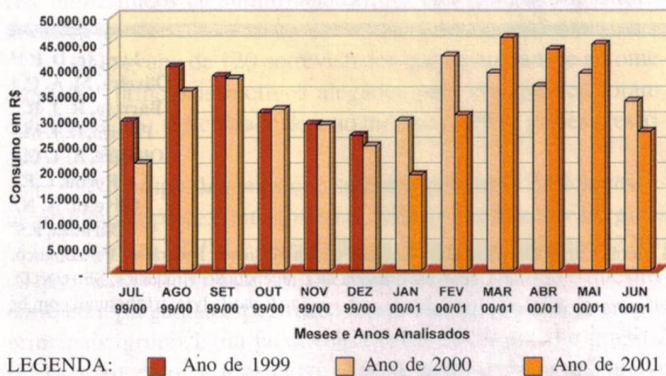
Paralelamente aos trabalhos de padronização, foram registrados e analisados os consumos de cada material, dando-nos subsídios para estabelecer um consumo médio padrão dos mesmos. Analisamos também os custos de cada unidade de consumo do hospital, monitorando as oscilações e tentando corrigir os excessos. As unidades selecionadas para esta pesquisa foram as clínicas médicas e cirúrgicas, clínica obstétrica, clínica pediátrica, berçário, clínica de doenças infecto-contagiosas, centro de terapia intensiva, centro cirúrgico e central de materiais e esterilização, devido ao seu grande porte, altos níveis de consumos de MMH e altas taxas de internação. Na tabela 1 e na figura 2 podemos observar as variações de consumo de MMH nessas unidades no decorrer de 24 meses de pesquisa.

Tabela 1 – Comparativo financeiro do consumo de MMH nas unidades do HULW de acordo com cada período do ano analisado.

MESES	Consumo (R\$)	Consumo (R\$)
	Ano: 1999	Ano: 2000
JUL	29.480,69	21.143,89
AGO	40.181,91	35.394,38
SET	38.308,34	37.758,88
OUT	31.101,13	31.742,83
NOV	28.822,78	28.687,15
DEZ	26.625,02	24.536,99
Ano: 2000		Ano: 2001
JAN	29.480,69	18.807,51
FEV	42.258,92	30.632,52
MAR	38.906,01	45.894,61
ABR	36.252,19	43.531,30
MAI	38.835,61	44.612,30
JUN	33.328,63	27.394,46
Total	413.581,92	390.136,82

Fonte: Sintético de Saída de Material por Requistante – SFH – CAF.

Figura 2 – Comparativo financeiro do consumo de MMH nas unidades do HULW de acordo com cada período do ano. Fonte: Sintético de Saída de Material por Requisitante – SFH – CAF



DISCUSSÃO

De acordo com a figura 1, temos que a transição dos MMH do almoxarifado central para a CAF/SFH foi feita, de forma gradativa, seguindo rígidos padrões de organização e controle de estoque e consumo. Nesses seis primeiros meses de transição, já conseguimos uma economia de 37,0%, visto que a gestão destes itens pelo SFH passou a ser desempenhada de forma mais racional e menos empírica que anteriormente, dando a estes artigos a importância que lhes é devida.

O manual de especificações técnicas, que constitui a proposta de padronização de MMH elaborada pelo SFH, é utilizado tanto para identificação correta dos artigos, quanto em procedimentos de compra, onde o aspecto coerente de como são apresentadas estas especificações é de grande importância em processos de licitação, característicos do serviço público federal, no Brasil.

Neste manual, procuramos concentrar o menor número de itens possível que não prejudicasse o bom andamento das atividades rotineiras do hospital, sempre optando por artigos de baixo custo, mas sem nunca esquecer a questão da qualidade do mesmo. Trabalhamos com especificações detalhadas para o sistema de compras e catálogo de materiais e outra mais simplificada para os demais sistemas, visto que este manual servirá de consulta para outros profissionais de saúde.

A comissão de padronização de MMH nomeada pela diretoria do HULW tem a incumbência de analisar a proposta de padronização apresentada e assim chegar a um consenso a respeito de cada artigo. Esse acordo levaria em consideração as especificações propostas pelos fabricantes dos artigos e, principalmente, a questão dos pareceres técnicos. Essa comissão estabelece diretrizes para a seleção e definem os critérios de utilização destes materiais. Estes pareceres são dados por todos os profissionais que lidam com os MMH, que, através de relatórios, podem descrever aspectos que levam determinado produto ou marca a desaprovação e, conseqüentemente, a exclusão deste item da listagem de padronização do hospital. Trata-se de um trabalho que leva um certo tempo, pois a escolha dos itens para compor a padronização tem de ser analisada em vários campos para que não haja prejuízo algum na rotina hospitalar.

Com a padronização uma vez estabelecida, nossos trabalhos serão direcionados para a validação do sistema de dispensação de MMH por dose individualizada que já se encontra em fase de teste no serviço de pronto atendimento do HULW.

Na figura 2 e na tabela I, podemos observar um comparativo do consumo de MMH nas duas etapas do trabalho. Conseguimos reduzir o consumo no HULW em cerca de 6,0%, número que a princípio não seja significativo, mas quando somamos aos

37,0% reduzidos nos seis primeiros meses da implantação deste projeto (de julho a dezembro de 1999), vemos que, apesar de ainda continuarmos dispensando esses itens por sistema coletivo, conseguimos uma certa economia, que pode ser aumentada ainda mais com a implantação do novo modelo de dispensação (dose individualizada).

Esses procedimentos de monitoramento de consumo aumentaram o controle da farmácia sobre esses itens e melhoraram consideravelmente os processos de aquisição e gerenciamento de um modo geral.

CONCLUSÕES

O trabalho administrativo fez com que, no decorrer de pouco tempo, os MMH fossem tratados com a importância que lhes é devida. Atualmente, todos os procedimentos, como pedidos e tomadas de preço, são efetuados da mesma forma com MMH e medicamentos, e a elaboração do manual de especificações técnicas tornou nosso trabalho muito mais eficiente e preciso.

Além do aspecto econômico, a preocupação com a qualidade é um requisito essencial. A participação do profissional de saúde dentro do processo logístico de materiais é imprescindível, pois é ele que solicita o produto com a correta especificação, controla a qualidade do que vai ser comprado, realiza o recebimento qualitativo e, finalmente, em várias situações, é também usuário destes materiais nas suas atividades. O farmacêutico hospitalar, como gestor de materiais, objetiva prover os medicamentos e/ou materiais médicos no momento certo, na quantidade necessária, com qualidade assegurada, ao menor custo possível.

Nos dias atuais, temos que ter consciência de sempre procurar meios para aprimorar as instituições públicas de saúde, pois delas depende grande parcela da população, que merece acima de tudo um atendimento digno originado de um trabalho sério e competente dos profissionais da área de saúde de um modo geral.

O processo de gerenciamento de MMH pela farmácia hospitalar é um ramo novo na área de Farmacoeconomia, adotado ainda em um pequeno número de hospitais em todo o País. Este fato nos leva a perceber a importância desta área, que amplia ainda mais o campo de trabalho do profissional farmacêutico, onde ele pode atuar de maneira eficaz e competente.

REFERÊNCIAS

- BASSKIN, Lorne E. *Practical Pharmacoeconomics*. Cleveland, Ohio: Advanstar, 1998.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação de Controle de Infecção Hospitalar. *Guia Básico para Farmácia Hospitalar*. Brasília: Conselho Federal de Farmácia, 1994.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Manual Básico de Farmácia Hospitalar*. Brasília: Conselho Federal de Farmácia, 1997.
- GOMES, M. J. V. M., REIS, A. M. M. *Ciências Farmacêuticas: uma abordagem em Farmácia Hospitalar*. 2.ed, São Paulo: Atheneu, 2000.
- PEREIRA, Gerson A. *Material Médico-Hospitalar*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.
- SILVA, Maria das Vitórias de A. G. *Material Médico-Hospitalar*. João Pessoa: Impreso. UFPB, 1999.
- SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO DO CEARÁ. *Especificações Técnicas para a Padronização dos Materiais de Consumo Hospitalar e Ambulatorial*. Fortaleza: Impreso, 1995.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE FARMÁCIA HOSPITALAR. *Padrões Mínimos para Farmácia Hospitalar*. Belo Horizonte: Impreso, 1997.